

ENCONTRO COM A ANIAMA/MULHER EM NOITES BRANCAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Yolanda Maria da Silva

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o arquétipo da *anima* na obra *Noites Branca* (2009), de Fiódor Dostoiévski, tomando como aporte teórico a psicologia profunda junguiana. Segundo C. G. Jung (2008), o homem precisa fazer o processo de individuação que consiste em descer os degraus obscuros do inconsciente para enfrentar os arquétipos, buscando o autoconhecimento para chegar ao arquétipo do *Self*. Em “Noites Brancas”, encontramos um narrador-personagem solitário que tem sua vida transformada pela figura de uma mulher que representa o arquétipo da *anima*. A *anima* é a parte feminina inconsciente no homem que se revela de forma onírica ou pode se revelar como a mulher amada, fazendo o homem sair de sua zona de conforto para seguir o caminho de crescimento interior. Neste processo, a *anima* é, ambivalentemente, positiva e negativa, de acordo como esta se apresenta ao indivíduo e como o mesmo a responde. No personagem analisado, a *anima* se apresenta de forma positiva e negativa, porque faz o personagem sonhar com o relacionamento amoroso, depois, sofrer com o abandono, mas possibilita o desenvolvimento de um amor altruísta por desejar a felicidade da mulher amada mesmo que seja com outro.

Palavras-chave: *anima*, sonho, solidão, individuação, Dostoiévski.

INTRODUÇÃO

As obras de Fiódor Dostoiévski são conhecidas por seu teor profundo em relação à sondagem do psicológico das personagens em vários âmbitos, mas lendo a obra “Noites Brancas”, percebemos a exploração “simplória” da temática do romantismo entre homem e mulher, fugindo um pouco do que apreendemos nas grandes obras *Os irmãos Karamazov* e *Crime e castigo* que tratam da temática do assassinato, parricídio e a relação do homem com Deus, bem demarcado no projeto literário deste escritor.

Noites Brancas foi publicada no ano de 1848, indo na contra mão dos romances realistas de sua época e também se diferenciando das futuras obras que Dostoiévski iria publicar tempo depois de seu exílio na Sibéria - exílio imposto pela acusação de ser adepto do socialismo utópico. A obra, curiosamente, trata do romance entre um homem sonhador solitário e uma moça órfã, mas mesmo neste tema tão prosaico relacionado ao ser humano, a narrativa sonda a psique de um homem que se considera um tipo singular, servindo de arcabouço para análise psicológica sobre a importância da mulher/*anima* na vida de um homem.

Nesta curta e poética novela, encontramos um personagem masculino que vive em uma solidão extrema, mas, por um acaso do destino imputado pelo escritor, encontra uma mulher que o impele à vida de “forma plena”. Se antes a personagem tinha como companheira a solidão desesperadora, agora vive a esperança de um amor romântico. Todavia, o personagem perde seu afeto e, por isto, acaba sentindo o desencanto que o renega ao ostracismo social desolador e a desilusão.

A análise da narrativa *Noites Brancas*, de Fiódor Dostoiévski, torna-se produtiva para investigar a importância do arquétipo da *anima* no desenvolvimento psicológico do indivíduo que vive sendo sufocado pela sombra e complexos do inconsciente. A *anima*, que é representada pela singularidade da figura feminina, em seus vários aspectos, faz o homem nascer, crescer e se desenvolver ou pode cristalizá-lo. Veremos todo este percurso ambivalente que a *anima*/mulher produz na mente masculina por meio da hermenêutica do texto de Dostoiévski, aplicando a psicologia profunda de C. G. Jung.

METODOLOGIA

Devemos observar determinado fenômeno de uma obra literária de forma responsável, por isto, buscamos utilizar a psicologia profunda de C. G. Jung (2008) para compreender a importância da imagem feminina para o crescimento psicológico do homem. De acordo com os estudos da psicologia profunda, o homem vive imerso no inconsciente adormecido ou esquecido que é “dominado” pela parte consciente e o ego, mas todo indivíduo que deseja se conhecer, deve ter acesso às mensagens do inconsciente, travando uma batalha em seu interior e com os costumes impostos pela sociedade. O responsável por ser mediador das mensagens do inconsciente é o arquétipo do *Self*.

O homem que enseja encontrar a si mesmo – o *self* - precisa enfrentar os complexos nefastos que o atormentam para seguir o processo de individuação. Segundo Jung (2008, p. 162):

O *self* pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser apreendido através da investigação dos sonhos de cada um. E estes sonhos mostram-no como um centro regulador, centro que provoca um constante desenvolvimento e amadurecimento da personalidade.

O homem utiliza a linguagem em suas esferas de escrita, imagens e gestos para se comunicar, desde modo, o inconsciente também utiliza uma linguagem singular: os sonhos. Sigmund Freud afirma que: “os sonhos não são produtos do acaso, mas estão associados a pensamentos e problemas conscientes” (JUNG, 2008, p. 25). Ou seja, a mente humana é dividida em parte inconsciente e parte consciente. No inconsciente, esconde-se desejos e instintos que nós evitamos por causa da vigilância do superego e a sociedade, mas quando estes anseios são demasiadamente desconfortáveis, o inconsciente manda mensagem para a parte consciente por meio de sonhos. De imediato, estes causam desconforto, mas quando o homem os analisa, compreende o cerne da questão e vencendo-os, torna-se mais forte. O inconsciente é responsável por enviar mensagens simbólicas ao homem sobre seus problemas e ânsias interiores, auxiliando o mesmo no crescimento pessoal e espiritual. São os sonhos expressões interiores do ser que sonha. Nas palavras de Jung: “[...] os sonhos parecem obedecer a uma determinada configuração ou esquema. A este esquema Jung chamou ‘o processo de individuação’” (2008, p. 210-211). Estes sonhos são impulsionados pelo interior do homem, mandando mensagem, fomentando no mesmo a busca pelo que lhe falta ou indicando a se desprender do que lhe faz mal. Esta mensagem é enviada pelo arquétipo *self* que “pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser apreendido por meio da investigação dos sonhos de cada um” (2008, p. 213). Seguindo este pensamento, duas imagens arquetípicas são essencialmente usadas pelo *self* para auxiliar no processo de individuação do gênero humano: *animus* e a *anima*.

De acordo com Jung (2008), todo homem tem dentro de si a sua *anima*, que é a parte feminina que vem para equilibrar o indivíduo masculino. E em contra partida, em toda mulher existe o *animus*, que é o aspecto masculino. Deste modo, todo ser humano vive inconscientemente uma androginia que é necessária ao autoconhecimento e conhecimento do outro por meio do equilíbrio entre aspectos femininos relativos à *anima* e aspectos masculinos relativos ao *animus*.

Como este trabalho tem o intuito de analisar a estrutura psicológica de um personagem masculina, será o aspecto da *anima* que iremos ilustrar e analisar. As palavras *anima* e *animus* vêm

do latim *animare*, que significa animar, avivar. Porque tanto a *anima* quanto o *animus* se assemelham a espíritos e alma vivificadores para homens e mulheres. Seguindo o pensamento de Jung (2008), a *anima* se apresenta em quatro estágios que propiciam certo teor de conhecimento e desafio ao indivíduo masculino. A saber:

O número quatro está sempre ligado a anima porque, segundo Jung, existem quatro estágios no seu desenvolvimento. O primeiro está bem simbolizado na figura de Eva, que representa o relacionamento puramente instintivo e biológico; o segundo pode ser representado pela Helena de Fausto: ela personifica um nível romântico e estético que, no entanto, é também caracterizado por elementos sexuais. O terceiro estágio poderia ser exemplificado pela Virgem Maria — uma figura que eleva o amor (eros) à grandeza da devoção espiritual. O quarto estágio é simbolizado pela Sapiência, a sabedoria que transcende até mesmo a pureza e a santidade, como a Sulamita dos Cânticos de Salomão (JUNG, 1992, p. 185).

Os estágios da anima podem ser tomados de forma positiva ou negativa pelo ego do indivíduo, dependendo da forma como este se relaciona com a *anima*. Jung afirma que, nas suas manifestações individuais “o caráter da anima de um homem é, em geral, determinado por sua mãe. Se o homem sente que a mãe teve sobre ele uma influência negativa, sua anima vai expressar-se, muitas vezes, de maneira irritada, depressiva, incerta, insegura e susceptível” (2008, p. 178). Outros exemplos de *anima* representada de forma nefasta são as feiticeiras, sacerdotisas ou mulheres enigmáticas como a Capitu, eterna personagem de Machado de Assis que carrega os olhos de cigana, oblíquos e dissimulados. Os aspectos ambíguos impõem enigmas que afrontam o ego do indivíduo, fazendo-os crescer ou cristalizar.

RESULTADOS

O livro *Noites Brancas*, de Fiódor Dostoiévski, é uma narrativa escrita em primeira pessoa, onde a personagem não relata seu nome, apenas se descreve como um sonhador solitário que vive a andar e observar pessoas sem nunca se aproximar delas. A história se passa durante as noites brancas, que é um fenômeno singular de São Petersburgo, em que o sol demora a se por e as noites são mais claras, a ponto de serem comparadas a sonhos inquietantes que beiram a um devaneio onírico, “dando ao ambiente uma aparência ‘fantasmagórica’. Aproveitando este fenômeno, o autor cria uma atmosfera densamente romântica e lúgubre, repleta de ‘sonhos” (SANTOS apud DOSTOIÉVSKI, 2009, p 84). Como descreve o narrador-personagem:

Era uma noite maravilhosa, uma noite tal como só é possível quando somos jovens, caro leitor. O céu estava tão estrelado, um céu tão luminoso, que ao olhá-lo seríamos obrigados a nos perguntar infalivelmente: como pode viver sob um céu assim toda sorte de gente irritadiça e caprichosa? (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 11).

Diante desta noite magnífica, o narrador sente a necessidade de conviver com pessoas, porque até então ele se descreve como um sonhador solitário que vivia e amava sua condição. Todavia, seu inconsciente lhe manda uma inquietação que podemos ligar a sombra, que faz o narrador-personagem se inquietar para sua condição:

[...] Desde bem cedo começou a me afligir uma tristeza singular. Pareceu-me de repente que eu, um solitário, estava sendo abandonado por todos e que todos se afastavam de mim (...). Comecei a ter medo de ficar sozinho e vaguei durante três dias inteiros pela cidade numa tristeza profunda, sem entender absolutamente o que se passava comigo (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 11).

O inconsciente manda a sensação de inquietação e tristeza, apontando para o que está afligindo o narrador: a solidão. Neste contexto, afirma Jung (2008, p. 168): “o inconsciente a princípio se manifesta de forma negativa ou positiva, depois de algum tempo surge a necessidade de readaptar de uma melhor forma a atitude consciente aos fatores inconscientes — aceitando o que parece ser uma "crítica" do inconsciente”. Não é somente diante de uma noite alegre que um ser triste como o narrador sente a necessidade de travar relações. Ao observar a própria casa precária e suja em que vive, o narrador faz um paralelo com seu estado psíquico. Diz o narrador:

[...] Fiquei me questionando por duas noites: o que estará faltando em meu canto? Porque me incomodava tanto permanecer ali? Examinava com perplexidade minhas paredes verdes enegrecidas, o teto coberto por teias de aranha, que Matriôna cultivava com grande êxito, reexaminava toda minha mobília, examinava cada cadeira, pensando: será que o mal não está aqui? (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 13).

Podemos perceber que a casa é um ambiente incômodo para a personagem, sendo um lugar que transmite um sentido maléfico. Talvez o próprio interior da personagem cause este mal estar, apontando para sua condição psicológica: psique/casa mal cuidada, enegrecida com teias de aranha e solitária. Se a narrativa não aponta um sonho como provedor de advertência do inconsciente, o próprio espaço da casa transmite um estado de pesadelo que faz o narrador desejar fugir dela. Assim, expressa-se a confusão que o chamado do inconsciente causa no indivíduo:

É preciso muita coragem para levar-se a sério o inconsciente e enfrentar os problemas que ele desperta. E se a maioria das pessoas é por demais indolente para refletir sobre os aspectos

morais do seu comportamento consciente, não há de ser a influência exercida pelo inconsciente que vai perturbá-las (JUNG, 2008, 176).

Seguindo esta premissa de inquietação, o narrador sai de sua casa e vai às ruas de São Petersburgo e nas andanças encontra uma jovem no parapeito do rio. De imediato, fica confuso sobre o caráter daquela moça, porque para estar naquela hora na rua sem um homem do lado, só pode ser uma mulher de vida duvidosa. Todavia, o narrador percebe que a jovem morena clara e linda estava chorando. Ele tenta se aproximar, mas a jovem se afasta. Então, por providência do destino, um homem embriagado tenta se aproximar da mesma e é impedido pelo narrador. Esta fatalidade faz com que a jovem permita que o nosso narrador se aproxime e começam a travar um diálogo. Até este momento da narrativa, o narrador-personagem se detém a dialogar com o leitor diretamente, depois busca travar relações com as pessoas que vê na cidade de São Petersburgo, mas não consegue, somente com a chegada da jovem, ele passa a dialogar com a moça e o leitor começa a entender as ânsias da personagem. Ele não se abre para o leitor, nem sequer acredita que o leitor vá compreendê-lo, todavia, no primeiro momento que começa a falar com a moça, ele percebe que encontrou o que procurava. Encontrou a única mulher que poderia compreendê-lo. Como afirma o narrador:

- Oh! a senhorita adivinhou na primeira! – respondi, entusiasmado porque minha moça era inteligente: isso jamais compromete a beleza. – Sim, a senhorita adivinhou logo à primeira vista com quem estava lidando. Exatamente, sou tímido com as mulheres (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 20).

O narrador afirma que é tímido com as mulheres e que antes já havia se aproximado de algumas, mas estas não eram inteligentes, por isto não acreditava que fossem capazes de compreendê-lo. Segundo C. G. Jung, “o homem, em sua escolha amorosa, sente-se tentado a conquistar a mulher que melhor corresponda à sua própria feminilidade inconsciente: a mulher que acolha prontamente a projeção de sua alma” (2015, p. 79). Nesta esfera de confiança diante da mulher recém aparecida, nosso narrador se abre:

- Bem, sim, mas pelo amor de Deus, faça o favor. Julgue quem sou! Já tenho vinte seis anos e nunca tive ninguém. Ora, como posso falar bem, com habilidade e de forma adequada? Será melhor quando eu tiver revelado e esclarecido tudo... Eu nunca sei calar quando o coração fala dentro de mim. Bem, é a mesma coisa... Acredite, nenhuma mulher, nunca, nunca, nunca! Nenhum conhecido! Apenas sonho todo dia que cedo ou tarde encontrarei enfim. Ah, se a senhorita soubesse quantas vezes fiquei apaixonado dessa forma!... - Mas como e por quem?
- Ora, por ninguém, por um ideal, por aquela que me apareceria em sonho. Creio romances inteiros em meus devaneios. A senhoria não me conhece! Na verdade não posso negar que encontrei duas ou três mulheres, mas que mulheres eram elas? Eram umas donas de casa que... (...). Mas a senhora está rindo... Aliás, não é para menos... - Não se sangue, estou rindo

porque o senhor é seu próprio inimigo. E se tivesse tentado talvez conseguisse, ainda que a coisa desse na rua; quando mais simples melhor. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 20-21).

Neste momento da narrativa, percebemos que a jovem moça tem aspectos que se assemelham a *anima* da personagem. A mulher que narrador busca em seus sonhos e devaneios, ou seja, sua parte feminina anímica que é indicada pelo inconsciente no intuito de complementá-lo. Dando-lhe sentido para própria existência por meio da companhia e auxílio na autoanálise interior. Podemos perceber que desde a primeira interlocução até o último momento da narrativa, a personagem feminina faz com que o narrador encontre sua sombra e seus complexos, mas de forma a vencê-los. A personagem feminina se apresenta como a própria Esfinge, porque ambivalentemente lhe propõem enigmas que sondam seu interior, mas lhes dá a oportunidade de se conhecer interiormente. Diante deste fato singular que aparecera em sua vida, em que o narrador encontrou a mulher de seus sonhos, ele implora que possa encontra-la na noite seguinte. O narrador diz:

[...] Mas veja, não posso deixar de vir aqui amanhã. Sou um sonhador; tenho tão pouca vida real que momentos assim, como este, me são tão raros que não posso deixar de reproduzi-los em meus devaneios. Vou sonhar com a senhora a noite inteira, a semana inteira, o ano inteiro. (...) Dois minutos, e a senhorita me fez feliz para sempre. Sim, feliz! Sei lá, talvez a senhorita me tenha reconciliado comigo mesmo, tenha dissipado as minhas dúvidas... Talvez esses momentos me prendam... Bem, amanhã lhe contarei tudo, a senhorita saberá tudo, tudo (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 23-24).

Apelando para o fator de sua solidão e no intuito de explicar o que fizera ser tão recolhido, ele consegue convencer a moça a vir encontra-lo na noite seguinte. A curiosidade também faz a moça querer vir na segunda noite.

A mulher que aparece na narrativa é Nástienka, uma jovem órfã de mãe e pai que vive com uma avó. A estratégia que o escritor se utiliza para explicar como uma jovem de bem pode estar durante à noite, sozinha, nas ruas de São Petersburgo, é o fato da avó ser cega e por isto prende a neta a seu vestido utilizando um alfinete, sendo assim, a jovem só pode desbravar a cidade quando sua protetora dorme, podendo se desvencilhar da armadilha. Se o narrador é solitário por ser introspectivo, a Nástienka é solitária porque sua avó a proíbe de sair de casa. Como explica: “- Mas quem é o senhor afinal, explique-se! Espere, eu adivinho: certamente o senhor tem uma avó, como eu. Ela é cega e por toda a vida nunca me deixa sair tanto que já desaprendi a falar quase que totalmente” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 28). Seja por uma amarração forçada por um familiar ou involuntária por

ser solitário, ambas as personagens se encontram por um momento, encontram o conforto de ter com quem conversar e no segundo capítulo, na segunda noite, é o sonho o assunto que os unirá.

O narrador explica para a jovem o que é um sonhador e ambos declaram seus sonhos e anseios.

Segundo as palavras do narrador, um sonhador é:

- Um tipo? Um tipo é um original, uma pessoa bem ridícula! – respondia, e eu mesmo comecei a gargalhar, acompanhando seu riso infantil. – É um caráter assim. Escute, sabe o que é um sonhador? -Um sonhador? Perdão, mas como não saber? Às vezes, sentada ao lado da avó, que coisas não me passam pela cabeça! Bem, daí começo a sonhar e imagino até que... bem, que estou cansando com um príncipe chinês... Mas às vezes é tão bom sonhar! (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 29).

Durante a segunda noite branca, o narrador e Nástienka dialogam sobre seus sonhos. O narrador conta seus anseios, no intuito de conquistar sua amada, mas este descobre que a mesma já tem seu interior impregnado por outro homem. O narrador vive uma angústia entre sentir seu amor, mas permitir que a mulher que ama possa ser feliz com quem deseja. Na terceira noite, há um diálogo constrangedor pelo pedido de Nástienka ao narrador que diz: “não se apaixone por mim”. Vê-se que a moça deseja sentir algo especial pelo narrador-personagem, mas o *animus* em seu interior não se projeta nele. Acerca disto, sofregamente diz Nástienka:

- Penso no senhor – disse-me após um momento de silêncio. – O senhor é tão bom que seria de pedra se não sentisse isso. Sabe o que me veio agora à cabeça? Eu comparei o senhor e o outro. Por que ele não é o senhor? Por que ele não é como o senhor? Ele é pior que o senhor, embora eu o ame mais do que a si (DOSTOIEVSKI, 2009 p. 63).

Em vários momentos, Nástienka salienta o amor fraternal que ela sente pelo narrador, todavia, o narrador sofre por sentir demasiadamente amor pela jovem. Em um momento, eles estão de mãos dadas, mas quando aparece um vulto, a moça solta a mão abruptadamente e o narrador pergunta o porquê daquela ação. Ela afirma que tem medo que seja o seu amado e não pode permitir que ele venha a pensar que ela gosta de outro. Em cima deste temor, o narrador reflete sobre sua aflição, descreve a sinestesia de seu amor expresso em suas mãos quentes, em contra partida da falta do amor erótico de Nástienka que lhe oferece mãos frias. O narrador pensa: “[...] Sua mão está fria, a minha está quente como fogo. Que cega você é, Nástienka!... Oh! Como é insuportável uma pessoa feliz em certos momentos! Mas eu não posso me zangar com você!...” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 53).

Na quarta e última noite, Nástienka está aflita e desesperançada por não encontrar o homem que ama. Ela havia enviado uma carta por meio do narrador para avisar que ela ainda estava o

esperando. Podemos perceber o animus do narrador ajudando Nástienka, uma vez que o *animus* impele a mulher a agir de forma racional e objetiva. A jovem esperou durante vários dias a vinda do homem que amava, como haviam combinado, mas somente por meio do narrador ela vai em busca de seu objetivo de forma prática ao escrever e enviar a carta. Depois de muita espera frustrada, orgulhosamente, Nástienka resolve seguir sua vida, aproveitando deste fato, o narrador se declara: “– Isso é irrealizável, mas eu a amo, Nástienka! Aí está! Agora tudo está dito! – disse eu, gesticulando. – Agora veja se pode falar comigo como falava há pouco, se pode, afinal, escutar o que vou lhe dizer...” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 70). Ao declarar seu amor, Nástienka responde: “– Mas como assim, como assim? – interrompeu Nástienka. – O que significa isto? Ora, há muito eu sei que o senhor me ama, mas pensava me amava apenas... de um modo simples... Ah, meu Deus, meu Deus!” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 70). Diante de um abandono e de uma declaração de amor, Nástienka resolve se assegurar no segundo fato, buscando a racionalidade em um amor efetivamente sólido. Ela afirma:

É a ele que amo, mas isto passará, isto tem de passar, não pode deixar de passar; já está passando, eu sinto... Quem sabe, talvez acabe hoje mesmo, pois eu o odeio porque ri de mim, enquanto o senhor chorou comigo; porque o senhor não me rejeitaria como ele, pois me ama, ao passo que ele não me amava, amo-o assim como o senhor me ama; e porque eu mesma, enfim, amo o senhor... sim, amo-o assim como o senhor me ama; já lhe disse antes, o senhor mesmo respondeu; amo-o por ser melhor e mais nobre que ele; porque, porque ele... (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 72).

Nástienka resolve amar quem a ama e aceita as juras de amor do narrador. Traçam planos de casamento e decidem marcar compromisso no dia seguinte. Depois de um momento de euforia, Nástienka começou a se afligir e o narrador tem medo, porque percebeu que ela não estava realmente feliz. Andavam alguns metros e Nástienka oscilava entre a tristeza e a indiferença, até o momento em que no meio de uma neblina, apareceu o inquilino amado:

Nesse momento, um jovem passou por nós. Ele parou de repente, olhou-nos fixamente e deu mais alguns passos. Meu coração começou a tremer... –Nástienka – disse eu a meia-voz -, quem é, Nástienka? – É ele! – respondeu ela num murmúrio, ainda mais perto, mais trêmula, apertando-se contra mim... Eu mal me mantinha de pé. – Nástienka! Nástienka! É você! – É você! – ouviu-se uma voz atrás de nós, e imediatamente o jovem deu alguns passos em nossa direção. Deus, que grito! Como ela tremeu! Como escapou das minhas mãos e voou ao encontro dele!... Fiquei parado, olhando para eles como morto. Mas ela, mal lhe deu a mão, mal lançou-se em seus braços e de repente virou-se novamente para mim, apareceu ao meu lado, como o vento, como um relâmpago, e antes que eu recobrasse a consciência, envolveu meu pescoço com ambos os braços e me beijou, lançou-se novamente a ele, tomou-o pelo braço e o levou consigo (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 77-78).

No meio da neblina fantasmagórica e agourenta da noite branca, aparece o sonho de Nástienka: o homem que ela conhecera, sonhara e esperara durante um ano, vem ao seu encontro. Para ela é o encontro com o *animus* positivo, para o narrador é a perda de sua *amina*, a única mulher que poderia lhe fazer feliz.

O último capítulo do livro intitulado “Manhã” é ambíguo, porque observamos que as noites brancas fantasmagóricas e sonhadoras com o amor de seus sonhos se foram, mas o narrador está febril e inconsolável. A Matriôna lhe procura para entregar uma carta em que há um pedido de perdão e convite de casamento de Nástienka. Neste momento da narrativa, a Matriôna aponta para o estado da casa do narrador ao afirmar: “- Eu já tirei toda a teia de aranha do teto, agora você já pode casar, convidar umas visitas, agora mesmo... (DOSTOIEVSKI, 2009, p.80). Mesmo tendo a informação de que sua casa fora limpa, o narrador observa-a, mas só consegue ver tudo decrépito. “Olha para Matriôna... Era uma velha ainda *jovem*, bondosa, mas, não sei por quê, de repente ela me apareceu com o olhar apagado, com rugas no rosto, encurvada, decrépita. As paredes e o piso haviam perdido a cor, tudo se apagara” (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 82). O medo de ficar velho com o passar dos anos e permanecer naquele estado atormenta o narrador e, por um momento, ele deseja jogar uma maldição, desejando que Nástienka seja infeliz por ter rejeitado seu afeto, todavia, em um súbito de ternura o narrador termina: “Oh, nunca, nunca! Que seja claro o seu céu, que seja luminoso e sereno o seu lindo sorriso; abençoada seja você pelo momento de júbilo e felicidade que concedeu a um coração solitário e agradecido! (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 82).

CONCLUSÃO

Quatro são os estágios da *anima* e quatro foram os encontros entre Nástienka e o narrador-personagem. Praticamente, observamos o narrador passar por uma evolução interior ao encontrar a mulher de seus sonhos e, por meio dela, travar um encontro com sua *anima*. Como fora dito, os aspectos da *anima* se revelam por meio dos sonhos, poeticamente, as noites brancas são tidas como misteriosas e oníricas, porque transmitem raios solares fracos à noite. Na narrativa, podemos tomar as noites brancas como sonhos, quatro foram os encontros durante estas noites e em cada uma delas, a personagem feminina expressou os aspectos anímicos da *anima*. Ela trouxe vida e animação à personagem que andava solitário. Ela atraiu o desejo erótico, como é dito que o primeiro estágio da

anima faz; depois houve o desenrolar do mero desejo sexual para o companheirismo almejado pelo casamento e, durante estes encontros, o narrador fora confrontado pela *anima*/mulher e teve que encarar suas fraquezas, mas ela o respeitou de modo que fez o narrador se sentir feliz e digno como uma *anima* benéfica pode proporcionar. Por último, mesmo não podendo ficar com a mulher desejada, o narrador-personagem conseguiu sair de seu estágio narcisista, desejando que sua amada fosse feliz, mesmo distante dele.

Nesta novela, podemos perceber a importância do outro para a serenidade da psique feminina e masculina e o quanto estar sozinho é terrível, mas pode ser amenizado quando aprendemos a não ser egoístas. O amor neste romance, não se manifesta pela completude erótica, mas pela capacidade de desejar a alegria do outro, mesmo que distante. A perda do objeto amado é sublimado pela alteridade, o fato de desejar o bem de quem se ama independente de que seja ao nosso lado ou não.

O encontro com a *anima* é indispensável para o desenvolvimento psíquico do homem e não há quem saia ileso deste encontro. Como podemos ver no aforismo do filósofo niilista E. Cioran, que mesmo não acreditando em nada como verdade absoluta, por assim dizer, não desacredita do poder feminino na vida de um indivíduo. Ele afirma que: “Quem se mata por uma mulherzinha vive uma experiência mais complexa e profunda do que o herói que altera a ordem do mundo” (CIORAN, 2011, p. 83), porque ele altera a ordem psicológica para adentrar no self.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIORAN, E. M. **Silogismo da amargura**. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Noites Brancas**: romance sentimental (das memórias de um sonhador). Tradução, posfácio e notas de Nivaldo Silva; gravuras de Livio Abramo – São Paulo: Editora 34, 2009.

FRANK, Joseph. **As sementes da revolta**. Tradução de Vera Pereira. 2. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

JUNG, C..G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma**. Tradução de Álvaro Cabral. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2016.